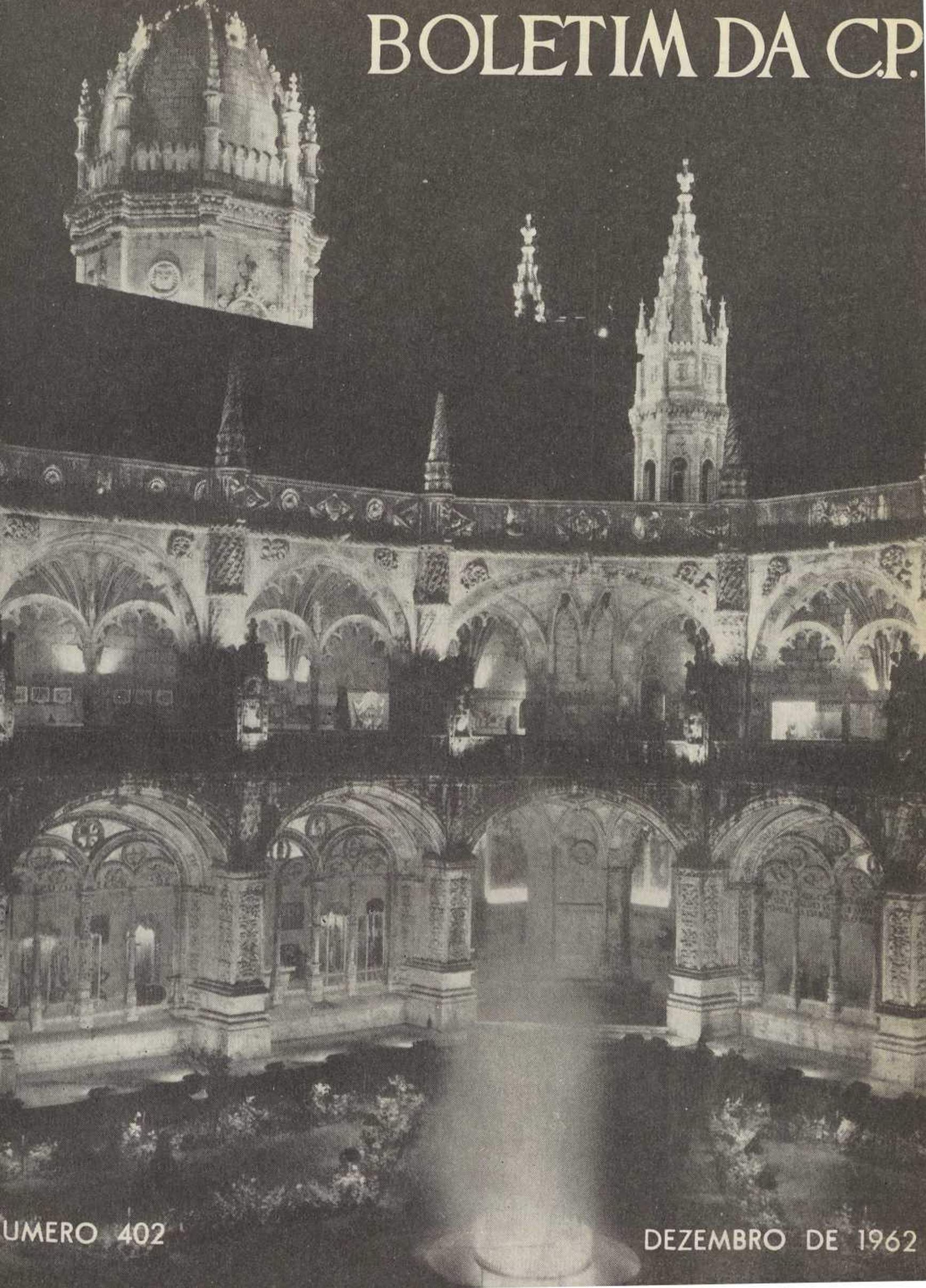


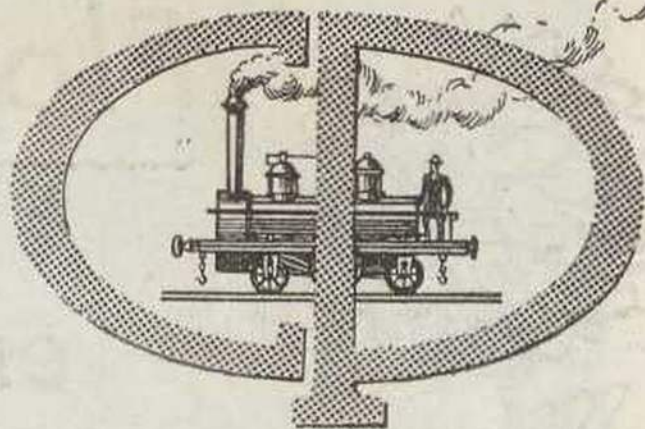
BOLETIM DA C.P.



UMERO 402

DEZEMBRO DE 1962

Boletim da



N.º 402 ■ DEZEMBRO 1962 ■ ANO XXXIV ■ PREÇO 2\$50

FUNDADOR: ENG. ÁLVARO DE LIMA HENRIQUES

DIRECTOR: ENG. ROBERTO DE ESPREGUEIRA MENDES

EDITOR: DR. ÉLIO CARDOSO

Propriedade da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses / Estação de Santa Apolónia / Lisboa
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da «Gazeta dos Caminhos de Ferro»—Rua da Horta Seca, 7—Tel. 320158—Lisboa





Flores e fotografias

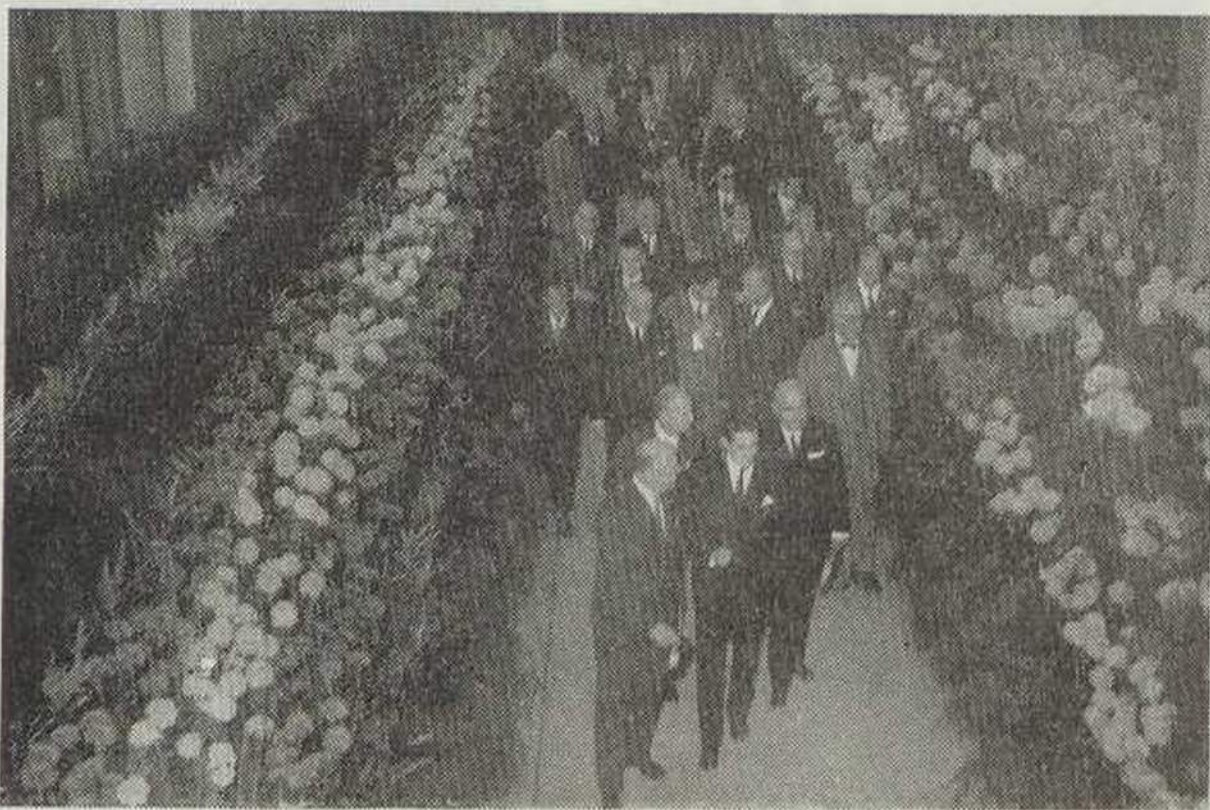
em sugestiva exposição na Estação do Rossio

UMA vez mais, mercê da entusiástica iniciativa e esforçada actividade do Sr. Prot. Eng.º André Navarro, Chefe de Serviço da Divisão de Exploração, foi possível à Companhia organizar, com vivo sucesso público, uma exposição de plantas exóticas e de flores de Outono, enquadradas em artístico arranjo.

A exposição, que mais parecia um autêntico jardim de magníficos canteiros, pujantes de encanto e de cor, teve a prestimosa com-

tribuição-se pelos dois vestibulos principais da estação do Rossio—o superior e o inferior—e ao longo da escadaria de acesso ao cais.

Mais de cinco mil vasos, com uma variedade extraordinária de crisântemos, crótones, avencas, acalifas e dracenas, dos viveiros da Tapada da Ajuda, das Necessidades e de Mafra, foram apresentados, na continuação de um intento já tradicional, que tem merecido o mais rendido aplauso público e cujo ponto de par-



✱

A inauguração da exposição
de flores

✱

participação da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e do Instituto Superior de Agronomia—de que o Prof. Eng.º André Navarro é ilustre Director.

Com espécimes preciosos a comprovar, num conjunto de beleza suave e poética, que o Outono é também uma estação de flores ricas de encanto nas tintas das suas pétalas e na graciosidade do seu porte, a exposição—grito de beleza, como foi definida, na melancolia terna dos derradeiros dias do ano—dis-

tida foi em 1956, por ocasião das exposições organizadas para comemorar o I Centenário do Caminho de Ferro em Portugal.

A razão desta iniciativa é significativa: não é verdade que o gosto pela flor—«essa música da Natureza» — constitui um índice de civilização e de harmonia na vida?

Como foi referido na Imprensa diária, pena é que estas exposições não tenham carácter permanente, não só nas nossas principais estações—e bem poderiam tê-lo no Rossio e em

✱

O Prof. André Navarro apresentando ao Secretário de Estado da Agricultura e demais convidados, a exposição de flores e plantas exóticas

✱



Santa Apolónia, embora em modesto grau—como também nos largos, praças e centros de visita de turistas, constituindo um aliciente cartaz de visita de um país alegre, desafogado e acolhedor.

* * *

Paralelamente com as flores e num enquadramento feliz, como que a emoldurá-la caprichosamente, apresentou-se também uma valiosa série de fotografias, a preto e branco, focando aspectos turísticos e monumentais de Portugal. As fotografias, que se destinam à decoração das novas carruagens de 1ª. classe do parque da C. P., foram obsequiosamente cedidas pelos diversos Municípios, Comissões Regionais e Juntas de Turismo do País.

Em painéis artísticos, alinharam-se, por

províncias, cerca de trezentas produções que suscitaram o maior interesse público.

A feliz iniciativa desta exposição fotográfica pertenceu ao Serviço Comercial e do Tráfego, através do seu Escritório de Turismo e Publicidade.

Como se referiu no jornal «O Século», «eram paisagens, monumentos, marinhas, castelos, pontes, igrejas, praias, fases da vida dos campos e da pesca, figuras típicas regionais com os seus trajes característicos e muitas outras fotografias que se apresentaram num conjunto feliz—que pelo cuidado com que foi organizado pela C. P. se pode considerar como um excelente mapa panorâmico de Portugal». E terminava assim a reportagem daquele jornal: «Se propriamente a exposição de flores é uma maravilha—as fotografias valorizaram-na da mais louvável maneira».



✱

Outro aspecto da inauguração: o sr. Dr. Mota de Campos, Secretário de Estado da Agricultura, observando alguns exemplares expostos. Junto, o Director-Geral, sr. Eng.º Espregueira Mendes

✱



✱

Outro trecho da exposição no átrio superior da estação do Rossio. No primeiro plano os srs. Dr. Mota de Campos, Prof. Doutor Mário de Figueiredo e Dr. Malheiro Reymão Nogueira

✱

* * *

À inauguração destas exposições, que teve lugar no dia 8 do mês findo, pelas 13 horas, dignou-se presidir o Secretário do Estado da Agricultura, Sr. Dr. João Mota Pereira de Campos, que compareceu acompanhado do seu Chefe de Gabinete, Sr. Eng.º Agrónomo José Eduardo Mendes Ferrão. Estavam igualmente presentes os Srs. General França Borges, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Aníbal da Silva David, Vice-Presidente da mesma Câmara, Eng.º José Alves, Director-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Prof. Eng.º João Carvalho de Vasconcelos, Subdirector do Instituto Superior da Agronomia, Dr. Noel Arriaga, em representação do

Secretário Nacional da Informação, vereador D. Segismundo Saldanha, etc., etc.

Da C. P. compareceram os Srs. Prof. Doutor Mário de Figueiredo e Eng.º Espregueira Mendes, os Administradores e alguns funcionários superiores da Companhia.

Compareceram também os representantes dos jornais diários de Lisboa e Porto, da Emissora Nacional e da Rádio Televisão Portuguesa — e numeroso público.

O Secretário de Estado da Agricultura, Dr. Mota de Campos, que percorreu detidamente e com compreensível interesse a exposição, manifestou, no final da visita, ao Sr. Prof. Doutor Mário de Figueiredo o seu regozijo por ter inaugurado esta exposição de flores de Outono — grande e incontestável afirma-

✱

Um aspecto da exposição fotográfica : doze amplos painéis, com mais de três centenas de produções paisagísticas da nossa terra que suscitaram o maior interesse do público

✱



Natal do ferroviário

A todos os ferroviários portugueses



Em todo o Universo é noite de Natal!
Noite de Consoada! A Festa da Família!
No espaço anda a sorrir o abraço fraternal
Da palavra — Saudade — em perene vigília.

Voam por toda a parte esperanças e desejos
Numa ansiedade louca em busca duma brasa!
No sonho desta noite incendeiam-se beijos,
— Que a graça do Senhor cabe em pequena casa!

Num vai e vem constante, em doce sinfonia,
Os comboios lá vão como suspiros d'ânsias.
Cheios, a transbordar de nuvens de alegria,
Com o seu ar festivo — encurtando distâncias...

É noite de Natal! Noite de amor e paz!
Tudo procura, enfim, a ternura dum lar.
Porém, no turbilhão das sombras se desfaz
O sonho de quem passa a noite a labutar!...

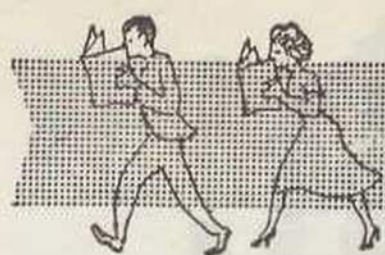
Na sua rude lida os comboios não param,
São vidas a girar no rumo doutras vidas.
Quantos longes sem fim seus braços encurtaram...
Movidos com vigor por mãos enternecidas.

Mas não termina aqui tão heróico labor
Que a sua vida traz mais vidas em acção:
— Cada comboio tem indómito impulsor
Desde o homem da via ao chefe de estação.

Porém, tudo se alheia à nua realidade
E vidas há que assim passam despercebidas.
Ninguém pensa, afinal, que a sua felicidade
Possa, enfim, depender do rumo doutras vidas!

E enquanto no silêncio a noite vai tombando
Envolta no seu véu de estrelas e luar;
— Comboios, num afã, vão partindo e chegando,
Que a noite de Natal em nada os faz parar!

CASTRO REIS



Contos e Novelas

A Consoada

Por JORGE TEIXEIRA

VÉSPERA de Natal em plena charneca alentejana; noite gelada, tão gelada que nem parecia ungida de caridade cristã...

Silêncio. Trevas e solidão. A geada cai brandamente sobre a terra hostil e desprotegida.

Rodeiam a garezita matagais extensos, que, diluídos na sombra, parecem vagas de lodo cristalizadas pelo frio. Não bulia folha, nem fremia asa! como se o próprio mundo dos vegetais felizes e seres noctívagos ficasse tolhido na quietação anestésica da noite!

A soturna estação, muito agarrada à linha férrea, imersa na campina incomensurável, é o único reduto da vida, na tela morta que a circunda.

Menosprezada estação deserta, grita à noite sua existência solitária — desesperadamente, como náufrago na jangada, entre vagalhões atlânticos.

Portas, janelas, frinchas — tudo cerrado aos assaltos do frio exterior que escreve nas vidraças hieroglifos indecifráveis, feitos de lágrimas zigzagueantes.

Lá dentro o ambiente é podre de emanções perniciosas; morrões de lanternas golfam hálitos mornos, nauseabundos, de câmara funerária e espargem, tremeluzindo, claridade pastosa e doentia.

Paredes amarelas e nuas, tecto baixo e impuro. Dois armários repletos de papéis; *marcadeira* assente na curta bancada, em jeito de azagaia; o armário menor é a *bilheteira*, debruada em cacifos estreitos, simétricos como dentaduras; ao lado, aberto na

parede do vestibulo, o *guichet*, em semicircunferência, a lembrar «ninhos de almas».

Envoltos de mantas baflientas, dois *agultheiros* dormem de borco, massacrando os corpos no soalho, num aspecto serrenho de malteses sob azinheiras — e arfam os peitos, ressonando alto, em roncaria de foles rotos. Andam esparsos cheiros de redil, anidridos pútridos de cadeia. Friorento, embuçado, na larga capa, um factorzito imberbe dormita sobre o taipal duma porta, leito improvisado e duro, sobre dois bancos, junto da mesa telegráfica; a cabeça descansa apoiada ao prato de oiro do *transmissor*. Não sossega, agita-se, estorce-se iludindo a fadiga e o sono. Saudoso ainda do materno regaço — é uma criança! — esmagam-no tremendas responsabilidades que o podem arrastar ao tribunal, às prisões, à miséria.

E no seu rosto de adolescente, volitam ainda, como borboletas de seda, os ternos e encantados beijos que só as mães sabem dar...

* * *

A campainha do *despertador*, retinindo freneticamente, garrulou guizalhada atordoante.

« — Comboio n.º... pode avançar? »

E o *ponteiro* do *receptor* rodava como doido em círculos concêntricos, parando, por instantes, décimos de segundo, para indicar, ligeiro e afanoso, as letras do *mostrador*.

« — Sim, comboio n.º... pode avançar. »

Agora a manivela do *transmissor* pôs-se a imitar o *ponteiro*, rodando e martelando,

enquanto a *palheta* vibrava em sonâncias de tômbola — ruído seco e enervante, que dir-se-iam histéricas risadas.

E enquanto o comboio não chega, toca a recordar a aldeiazinha branca, a família amiga, as romarias e festarolas, os afectos que a ausência refina e acende...

Nomeado factor dois anos antes, enregara em vida de giróvago, destacamentos, transferências; bagagem diminuta — que a vida está cara e Deus dá o frio consoante a roupa: colchão, dois cobertores, talego da fatiota, ramallete de saudades no coração, dois romances de aventuras para retemperar desânimos, alguns maços de cartas e muita esperança no porvir...

A cama é sempre áspera, mas a alma é grande. Às vezes, o exílio alegra-se, porque até os saltimbancos fruem horas alacres; outras, é fardo pesadíssimo nos seus fracos ombros... A liberdade, a folga, o jantar, o descanso, e, muitas vezes! a própria vida! dependem sempre do serviço; que o homem pode morrer de fome e de cansaço, mas os comboios nunca param...

Agora, para ali jazia prisioneiro da campina agreste, longe dos seus, longe dos amigos, longe do mundo!

O relógio contou doze badaladas sonolentas — e o factor entristeceu.

A'quela hora, na sua longínqua casa de jantar, era certa a reunião para a consoada da família. Lá estariam sua mãe amorável, seu bondoso pai, as irmãs ingênuas e até a namorada — a que lhe escrevia longas cartas saudosas. Na mesa, o seu talher esperaria o conviva vagamundo e pródigo que ele era:

— Ai que saudades, que saudades...

Coitados! Quanto se lembrariam dele! Pareceu-lhe mesmo ouvir a voz tão doce de sua mãe:

— Meu querido filho! Para lá tão longe! tão longe!...

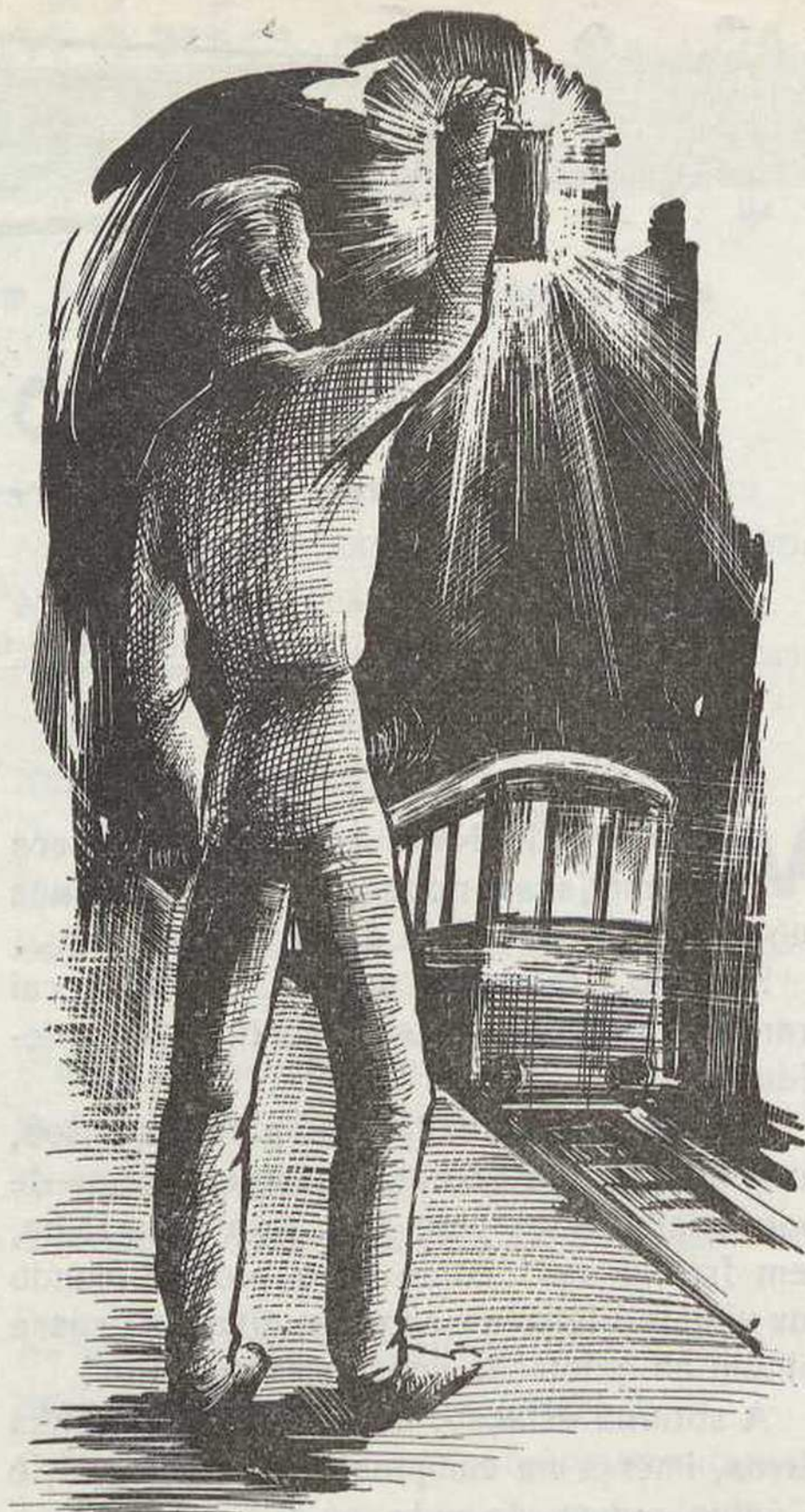
Um soluço telmoso pôs-lhe gargalheira de comoção... e disfarçou, assobiando certa canção natal.

* * *

— Vá riba! Vem aí o comboio!...

Os homens semiacordaram, entreolhando-se, espantados, como sonâmbulos.

Retesaram-se, estalando, as articulações



doridas e os *agulheiros* marcharam aos postos — cornetas a tiracolo, chaveiros tilintantes, passos tardos, friorentos e moles — a dar-lhes vago aspecto de grilhetas nos confins da Sibéria. De repente, duas órbitas laterais de sáurio gigantesco, faiscaram, ao longe, na catacumba da noite e copioso chuva de fagulhas como miríades de estrelas caídas, polvilhou a linha; pairando alto, o clarão rubro da fornalha, casualmente aberta, imitava incêndio pavoroso desafiando os céus, enquanto o estrondo horrísono do trem se avolumava.

E a terra submissa e tremante, abandonava os flancos à carreira danada do mastodonte.

Um minuto, e ei-lo, atravessa num ciclone as linhas da estação, rangendo, zumbindo e assobiando num rasto fosforejante de cometa pirotécnico.

Sobre a plataforma, hirto e sereno, o fac-

A C. P. e as novas técnicas de gestão

Prosseguindo a sua campanha de Formação e Produtividade — secundando a meritória tarefa de divulgar entre nós as modernas técnicas de gestão de empresas a que se tem entregado, com manifesto êxito, o Instituto Nacional de Investigação Industrial —, a Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses promoveu no dia 24 do mês passado mais uma sessão com o fim de difundir entre os seus quadros médios e superiores as impressões colhidas por alguns participantes não só nos referidos cursos do I. N. I. I como também nos vários estudos adquiridos no estrangeiro.

Na sala de espectáculos do Secretariado Nacional de Informação, com a assistência de alguns Administradores, Director e Subdirector da Companhia e cerca de 330 funcionários, compreendendo engenheiros, economistas, agentes técnicos de engenharia, inspectores, chefes de escritório, etc., o sr. eng.º José Alfredo Garcia leu a sua comunicação «A Filosofia da Empresa e os seus Problemas Humanos», o sr. dr. Libânio Pereira falou sobre o tema «Gestão Orçamental» e o dr. Hélio Prieto dissertou sobre o mesmo tema, baseado na articulação orçamental, incluindo orçamento dos investimentos e critérios de selecção dos investimentos.

Todos os oradores foram aplaudidos e cumprimentados pelos seus trabalhos.

torzito imberbe, ergueu ao alto, celebrando estranho ritual pagão, a fagulhita verde da lanterna regulamentar! E alucinadas como hienas feridas, as suas saudades largaram em correria louca, atrás desse comboio que, muito longe, para lá das serras do Algarve, iria roçar a sua aldeiazinha, entre a roupagem verde das alfombras e o murmúrio dos arroios...

* * *

Suprema desconfiança! Nenhum dos passageiros, aninhados como pardais no conchego



■ À reunião do Grupo de Trabalho «Lexique», da União Internacional de Caminho de Ferro, realizada em Madrid, em 20 e 21 do mês findo, assistiu, em representação da C. P., o sr. Eng.º José Olaio Lopes Montoya, da Divisão de Material e Tracção.

■ No passado dia 4 de Novembro, a Cooperativa de Construção «Lar Ferroviário» procedeu à entrega da chave de mais uma habitação, construída para o seu associado sr. Abel dos Santos, no lugar de Cova do Coelho, servido pela estação de Cacém.

■ Realizou-se em Madrid, em 29 e 30 de Outubro, mais uma reunião ferroviária de tráfego de passageiros. Tratou-se do estudo da unificação das tarifas T.C.V. e T.I.C. — da qual resultará um novo tipo de bilhete internacional, único, a aplicar indistintamente a todos os tráfegos das redes francesa, espanhola e portuguesa — e dos consequentes acordos recíprocos a estabelecer entre as três Administrações interessadas. A C. P. esteve representada pelo sr. José de Castro Bizarro, agente de Tráfego da Divisão da Exploração.

■ A C. P. resolveu tornar diários os «rápidos» do Algarve, o que só sucedia nas épocas de Verão, Natal e Páscoa. A nova medida passou a vigorar desde 1 de Novembro findo e obteve o maior aplauso do público.

■ Prossegue com o maior êxito o sistema de groupagens de mercadorias transportadas em vagões de eixos intermutáveis procedentes da França e da Alemanha com destino a Portugal. Esta modalidade de transporte que permite expedir várias remessas de detalhe em regime de vagão completo, está a processar-se com a maior regularidade.

■ A título experimental a C. P. tornou diárias, até às Caldas da Rainha, as automotoras n.ºs 4 224 e 4 225, que estabeleciam as ligações entre Lisboa e Torres Vedras.

■ Na tarde de 1 de Dezembro corrente, realizou-se no Porto uma grande romagem de saudade dos ferroviários da C. P. ao cemitério do Prado, onde repousa o corpo do ex-Presidente da União dos Sindicatos dos Ferroviários, sr. Joaquim Lourenço de Moura.

enlanguesciente das carruagens, notou que suas vidas estiveram escravas daquela fagulhita verde, tão obscura e pequenina... erguida em estranho ritual.

Descaroável egoísmo! Nem se aperceberam — sôfregos de alegrias cada vez mais próximas — que três homens para ali ficaram soterrados na noite sacrificando por eles a ventura inigualável de estreitarem ao peito as mães velhinhas e distantes, exclamando:

— Mãe! aqui estou! não chores mais... vamos consoar também!

Actualidades ferroviárias



O PAPA VIAJA DE COMBOIO

Na sua triunfal viagem, feita ao Santuário do Loreto, em Outubro último, Sua Eminência o Papa João XXIII cumprimenta — com o é da praxe dos Chefes de Estado que utilizam a via férrea — o pessoal maquinista do comboio especial e que por forma nitidamente expressiva manifesta o seu regozijo por tão elevada hora



ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA I GRANDE GUERRA

Assinalando a passagem do armistício que pôs fim à I Grande Guerra Mundial de 1914/1918, efectuaram-se em todo o País, em 11 de Novembro último, diversas cerimónias comemorativas. Eis um aspecto do desfile ante o monumento aos combatentes, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, de uma deputação do batalhão dos ferroviários



VIAGEM PRESIDENCIAL À CIDADE DO PORTO

O Chefe do Estado deslocou-se no passado dia 9 de Novembro à capital nortenha, para inaugurar diversos melhoramentos citadinos e assistir à espectacular operação da «ripagem» da ponte da Arrábida. Na gravura, o sr. Almirante Américo Thomaz, na estação de Santa Apolónia, com os srs. Eng.º Espregueira Mendes, Director-Geral da Companhia, Eng.º Dias Trigo, Director de Exploração dos Transportes Terrestres, Prof. André Navarro, novo Reitor dos Estudos Universitários de Angola e General Humberto Pais, Chefe da Casa Militar do Presidente da República



O 100 000.º PASSAGEIRO DE UMA COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO GREGA

O êxito do «car-ferry» entre a Itália e a Grécia, em serviço combinado com o caminho de ferro, continuou este ano. Foram mais de cem mil os passageiros transportados na última quadra estival. A gravura mostra o comandante do «Appia» e o Chefe do Serviço de Relações Públicas da «Hellenic Mediterranean Lines», com o 100 000.º passageiro de 1962 — a quem foi oferecida uma viagem gratuita e uma semana de férias com todas as despesas pagas na Grécia, para o próximo ano. A passageira contemplada — uma jovem francesa de 22 anos, estudante de artes decorativas da Universidade de Lille, Martine Desbonnets — ficou, como é natural, satisfeitiíssima com tão interessante iniciativa. Esclarece-se que tanto o «Appia» como o «Egnatia» são dois novos e esplêndidos barcos que efectuam a carreira diária entre Brindisi, Corfu, Igoumenitsa e Patras, com transporte de automóveis. A Companhia proprietária destes «car-ferry» é representada em Portugal pela Sociedade Marítima Argonauta

A Exposição de crisântemos na Estação do Rossio

Por ARMINDA GONÇALVES

A MAR a flor é sinónimo de delicada sensibilidade, de elevação de espírito, de compreensão de uma rara beleza que tão pròdigamente a Natureza nos oferece; é, em última análise, sinónimo de civilização.

E, no entanto, mesmo em alguns países atrasados ou cuja civilização cristalizou, como acontece em certas ilhas dos mares do Sul e na Ásia milenária e estranha, a flor não é só objecto de culto mas também de adorno para os grandes momentos de alegria e para as festividades religiosas.

Na Europa também a flor toma aspectos de festa e de ritual.

É na Holanda, com os seus campos de anêmonas, túlipas, rainúnculos e tantas outras diversas espécies, onde existem grandes extensões de coloridos matizes que são depois vendidas em grandes mercados especialmente firmados para elas; é na Suíça, com as suas janelas floridas de gerânios num cromatismo gritante de rubros, brancos e rosados; é na Grã-Bretanha, com seus lindos parques sempre verdes; é na Itália, terra de jardins famosos; é na França, que adora a flor e dela faz um verdadeiro culto; é na Alemanha, na Áustria, na Bélgica, na Espanha, na Dinamarca, na Suécia, na Noruega.

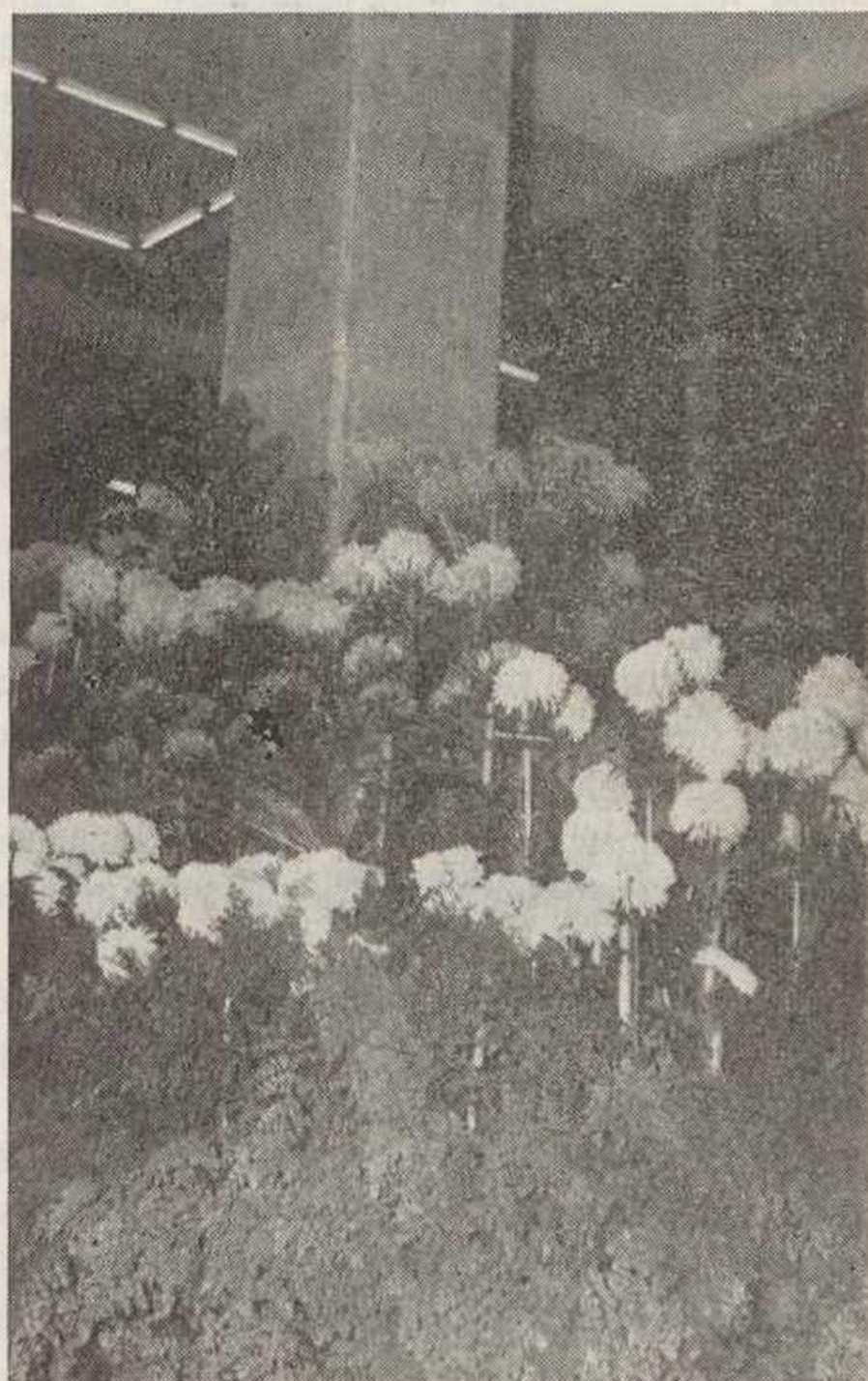
Em Portugal, devemos salientá-lo, essa divina dádiva posta ao alcance das nossas possibilidades, tem os seus cultores.

Motivo de agrado, porém, seria que mais e melhores houvesse e que as nossas casas, as nossas varandas e as nossas janelas as mostrassem. As janelas de Lisboa, à parte algumas dos bairros mais modernos e outras dos bairros mais modestos, quase que se

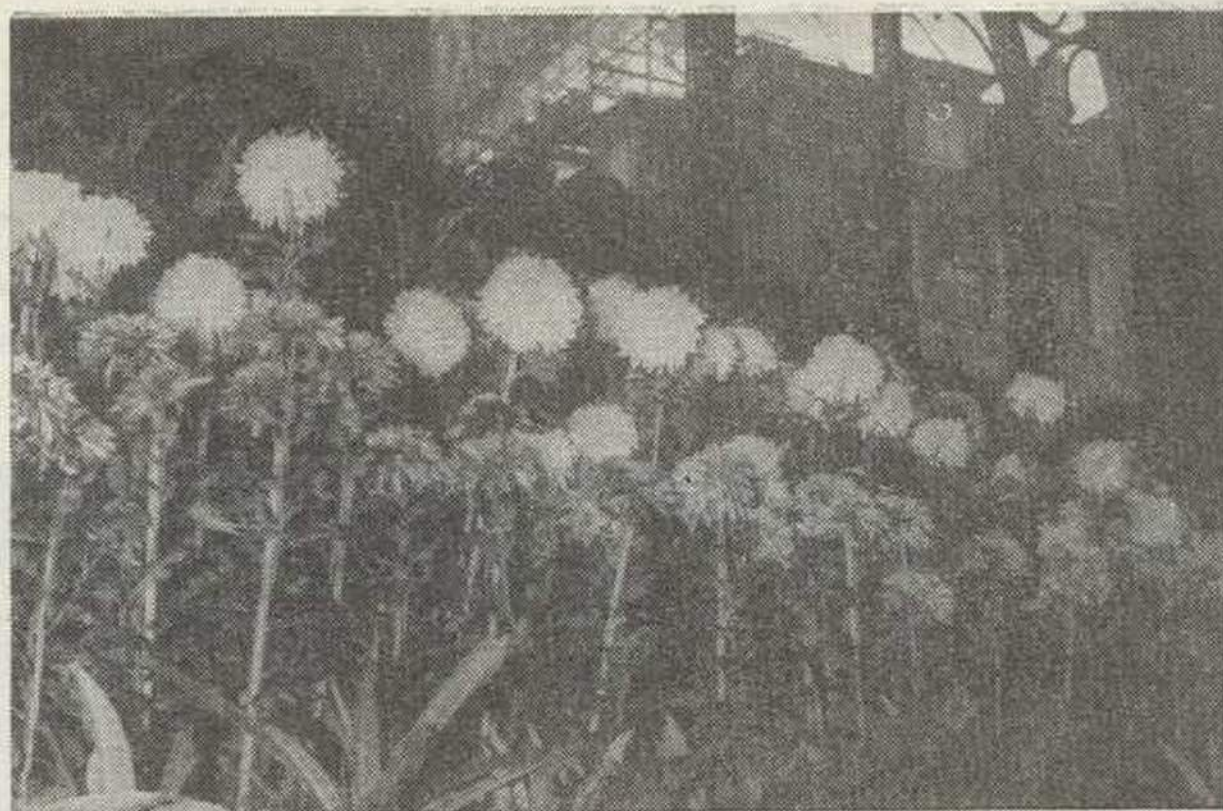
envergonham de ser floridas ou denunciam a apatia e a insensibilidade dos seus moradores.

Que pena que assim aconteça!

A graça das flores tem como que uma ternura pela nossa solidão e pela nossa tristeza e acompanha-nos dando-nos alegria ao espírito e à vista.



Espécimes florais preciosos, a atestar que o Outono é também uma estação de flores ricas de encanto nas tintas das suas pétalas e na graciosidade do seu porte.



✱

...crisântemos com o seu ar enigmático, distante; perfilados nas suas hastes esguias, falam-nos de exotismo e de saudade...

✱

Todas as flores são belas. Umas preciosas e raras, outras modestas e vulgares. Umas de perfume inebriante, outras sem perfume.

Do remoto Japão, país de tão violentos contrastes, onde a mais requintada sensibilidade e a mais extrema cortesia andam a par duma atávica ferocidade guerreira e duma absoluta insensibilidade perante a morte, tão chocantes para a nossa compreensão ocidental, veio para o Ocidente o crisântemo exótico, olímpico e belo, que enche de cor e de alegria as dulcíssimas perspectivas outonais e os interiores onde a vida, com a sua presença, parece correr mais tranquila.

Sugeriu-me estas considerações a exposição de flores do Outono, propriamente de crisântemos, aberta nos vestibulos superior e inferior da estação do Rossio, que é um encantamento para os olhos de quem a admira.

Num arranjo, numa disposição que supera muitas outras exposições, as flores orgulhosas da sua beleza quase hierática, erguem as corolas esquisitas, gritam a sua beleza efémera mas eterna enquanto mãos carinhosas as cultivarem.

Maravilhosos, estes crisântemos! De pétalas abertas, como aqueles duma cor acinzentada, quase inverosímil, enovelados e fechados outros; grandes rolos torcidos das mais variadas cores — toda a gama do rubro, do fogo, do amarelo, do branco, do lilás, do cinzento azulado, do rosado, se mistura e se desdobra para nos encantar e persuadir a ter-lhes amor.

É uma profusão estonteante de matizes. Os amarelos que se dobram sobre o fogo, os

rubros sobre o encarnado muito escuro, os lilases com o roxo virado para dentro, os brancos imaculados!

Estes crisântemos com o seu ar enigmático, distante; perfilados nas suas hastes esguias, falam-nos de exotismo e de saudade. Mostram-se às centenas, dizem-nos algo que escapa a uma análise apressada, se não nos concentramos em senti-las.

Aviva-os uma moldura de fetos e avenças, de mistura com os verdes doutras plantas. É uma linda, uma aliciante moldura dum quadro maravilhoso.

Enchi os olhos e o espírito de beleza.



O Conselho de Administração, em sessão de 6 de Setembro findo, resolveu que aos agentes atacados de lepra sejam aplicadas as mesmas disposições que vigoram para os agentes portadores de tuberculose.

Não há nenhum homem que não possa fazer mais do que ele próprio pensa.

HENRY FORD



Por J. MATOS SERRAS

8.º «Dia do Selo» Português

De uma circular recebida da Federação Portuguesa de Filatelia transcrevemos:

Desde 1955 que a Federação Portuguesa de Filatelia tem anualmente celebrado o «Dia do Selo».

As datas têm variado, mas a experiência dos últimos anos demonstrou ser a de 1 de Dezembro, a que melhor se presta a essa comemoração.

Quando em 1955 a Federação Portuguesa de Filatelia celebrou o primeiro «Dia do Selo», explicou, numa sua circular, o que representava essa data para a Filatelia. Recordaremos agora, resumidamente, o que então se disse: «O Congresso da Federação Internacional de Filatelia, realizado no Luxemburgo, em 1936, decidiu celebrar internacionalmente o «Dia do Selo», no primeiro domingo posterior a 7 de Janeiro de cada ano, em comemoração da data do nascimento de Henrich von Stephan, fundador da União Postal Universal. O Congresso de Paris, de 1937, reconhecendo a impossibilidade de um dia fixo para todos os países, resolveu dar a cada um a liberdade de escolha da data». «No primeiro Congresso da Federação Portuguesa de Filatelia, realizado em Lisboa no 1.º de Julho de 1954, discutiu-se o problema de fixar ou não uma data para o «Dia do Selo» Português, sendo sugeridas as de 24 de Março (festa do Arcanjo S. Gabriel, patrono dos filatelistas católicos), 1 de Julho (dia em que entraram em curso, em 1853, os primeiros selos portugueses) e 27 de Outubro (data da assinatura, em 1852, do Decreto que instituiu em Portugal a franquia prévia das correspondências, por meio de estampilhas). O Congresso julgou, porém, preferível, que a Direcção da Federação fixasse, para cada ano, a data da celebração do «Dia do Selo» atendendo aos casos especiais que, anualmente, possam justificar essa celebração num dia determinado.

Exposições

Foi impressionante o interesse despertado pela Exposição Filatélica este ano realizada na cidade de Praga. Segundo apuramento feito cifrou-se em 250.000 o número de visitantes.

Para a nossa temática

Uma série de 7 selos dedicados a Arquitectura foi emitida pela Roménia, para correio aéreo. O conjunto forma um aspecto lindíssimo, pois os desenhos são multicolores. A taxa de 40 Bani mostra o edifício da estação ferroviária da cidade de Constanta.



A República da Mauritânia pôs a circular um belo selo, também multicolor, no qual aparece uma moderna locomotiva Diesel rebocando um comboio de vagões destinados ao transporte de minério. Curioso o contraste dado pela presença de três camelos junto à linha férrea, enquadrados na paisagem característica da região.



Marcofilia

Reproduzimos um interessante carimbo especial aposto em França no dia 9 de Julho último, em comemoração da inauguração da electrificação da linha férrea que liga as cidades de Paris e Estrasburgo.



Publicações

O desenvolvimento conhecido pelas actividades filatélicas nos últimos anos é apreciável. Di-lo, à evidência, a atenção dispensada por várias revistas que, não sendo da especialidade, dedicam algum espaço à Filatelia. É o caso da publicação técnica inglesa *Railway Gazette*, que frequentemente reproduz selos e carimbos da temática de Caminhos de Ferro.

Apontamentos FEMININOS notas & modas

Por CAROLINA ALVES



«Nossa Senhora faz meia
com linha feita de luz,
o novelo é Lua Cheia
e as meias são p'ra Jesus.»

AUGUSTO GIL

NATAL

Noite cheia de graça... o céu se abriu
em cânticos de paz e de harmonia.
A neve alcatifara a terra fria
e uma luz redentora ressurgiu.

Menina a comungar, então, se viu
a velha pecadora que jazia.
Pr'à clara eternidade renascia
a nova alma feliz que em si sentiu.

É consumadas são as profecias...
Maria em seu regaço virginal
mostrava a São José O Bom Messias.

Pastores, Reis, em devoção igual,
ao ver Jesus deitado em palhas frias,
louvam: Bendito seja o TEU NATAL!

Para se oferecer um jantar a pessoas amigas

Se habitarmos uma casa grande está o problema resolvido. Receberemos os amigos em nossa casa onde preparamos, ao nosso gosto, o jantar que se pretende oferecer. Porém, as casas modernas não permitem, na maioria dos casos, recebê-los na intimidade do lar. Actualmente, usa-se muito o sistema dos convites para o restaurante ou casa de chá. É mais prático, embora seja mais dispendioso. Nem sempre há pessoal, para o serviço, devidamente habilitado, e os convidados compreendem a dificuldade e acham perfeitamente natural o convite para fora de casa.

Ordem dos pratos num jantar de cerimónia

Depois da sopa, segue-se o peixe, que é prato obrigatório em todos os jantares de cerimónia. Segue-se galinha, caça ou carne de vitela, acompanhadas de molhos, espargos, alcachofras, cogumelos. O assado é outra iguaria que deve aparecer sem falta. Vem, depois, o queijo, que pode acompanhar-se com bolachas folhadas. A seguir o doce e, por fim, a fruta.

Sobre os vinhos, depois de um Madeira seco com a sopa, com o peixe serve-se o branco, gelado, leve. É servido, duma maneira geral, em copos de cor. A acompanhar aves, caça ou carnes, o vinho tinto, ligeiramente aquecido. Com o assado, também vinho tinto ou espumoso. Com o queijo, um vinho seco. Para a sobremesa e para o café, reservam-se os vinhos doces ou licores.

Se não se querem servir tantos vinhos, num jantar de menos cerimónia, deve optar-se pelo branco e tinto.

O café serve-se na sala, com conhaques, mas há quem os sirva na sala de jantar. Não se fazendo cerimónia, está bem a solução.

DELEGACÃO Turística dos FERROVIÁRIOS

Coordenação de ALBERTO DA SILVA VIANA

Ecos da excursão à Itália

CHEGARA finalmente o ansiado dia da partida para a Itália e, ora na carruagem directa, ora, um pouco mais tarde, no Sud-Express, lá partem os 35 excursionistas rumo a um dos mais belos e cantados países da Europa.

Algumas paragens se impunham para aliviar tão longa jornada e permitir, ao mesmo tempo, outras visitas complementares.

Assim, houve ensejo de percorrer em autocarro a Costa Basca até Biarritz, a famosa estância balnear francesa. Após o almoço, servido no restaurante «El

Nîmes, a «Roma francesa», reputadíssimo centro turístico; Arles, rica em antiguidades de todas as épocas; Marselha, primeiro porto da França e interessante cidade, onde o turista é sobretudo atraído pela animação de «La Canebière» frequentada por uma heterogênea multidão. Mais alguns quilómetros e sucedem-se já as risonhas praias da «Côte d'Azur» — St. Raphael, a cosmopolita Cannes, Juan-les-Pins, Antibes e, finalmente, Nice.

Espraiando-se ao longo da baía dos Anjos, a capital da «Côte d'Azur» encanta pela colorida sinfonia de flores e mar que um sol esplêndido ilumina.

Com um tempo magnífico visitou-se, no dia seguinte,



*
O grupo português junto da Igreja ortodoxa russa, em Nice, ainda a caminhar da Itália
*

Patio», avançou-se um pouco mais, para, em Bayonne, prosseguir no rápido PA (Pirineus-Alpes).

Era já tarde quando foi atingida a cidade de Toulouse, onde se fez a primeira paragem que permitiria, no dia seguinte, percorrer de dia um dos mais belos trajectos do sul da França.

Já refeitos, cerca das 9 h 30, iniciaram os excursionistas a nova etapa no rápido PN (Pau-Nice). Todo o dia de comboio, mas quanta curiosidade a avistar, tanto incentivo para novas excursões — Carcassonne e as suas típicas muralhas, envolvendo a parte medieval da cidade; Narbonne, a de rico património artístico e histórico;

a cidade ainda com toda a animação de plena época estival. Ao longo do Passeio dos Ingleses alcançou-se o aeroporto, onde se puderam admirar as novas pistas construídas sobre terreno conquistado ao mar. Voltando ao centro e bordeando o porto, subiu-se ao Monte Boron, de panorâmica maravilhosa, terminando a volta pela Igreja ortodoxa russa que, pelo seu interesse, mereceu detalhada visita.

Almoço no «Petit Louvre», iniciando-se depois um circuito reputado entre os mais aliciantes passeios que o turista pode realizar nos arredores de Nice.

Após a visita do famoso mercado de flores, centro

exportador para todo o país e vários pontos da Europa, entrou-se na deslumbrante estrada litoral que iria levar os excursionistas até Mônaco.

O principado de Mônaco, estado independente de 150 hectares de superfície, compreende Mônaco, a antiga cidade pitorescamente inclinada sobre o mar, «La Condamine» e Monte Carlo, a cidade moderna e cosmopolita.

Houve ensejo de visitar os três centros do principado, admirando-se, em Mônaco, o célebre Museu Oceanográfico, em «La Condamine», o porto e, em Monte Carlo, o sumptuoso Casino.

No regresso, feito pela «Moyenne Corniche», e aproveitando uma paragem em Eze-Village, alguns participantes subiram a colina que se ergue junto à pitoresca aldeia. Lá no cimo, um castelo feudal encerra um original museu entre as suas vetustas muralhas—pequena aldeia, de ruas estreitinhas, onde em cada casa estão expostos variadíssimos objectos artísticos e de curioso artesanato.

imensa; o Baptistério com esplêndidas portas de bronze, executadas por Ghiberti; o Panteon, repouso eterno de alguns dos maiores vultos da Itália; o Palácio Pitti, de galerias recheadas de obras de arte ou a antiquíssima Ponte Vecchio em cujas lojas estão expostos os produtos mais representativos do artesanato florentino?...

Saberia bem, certamente, permanecer um pouco mais na bela cidade do Arno, mas o tempo urgia.

Etape seguinte - Roma, centro do antigo império romano e, na antiguidade, capital do mundo.

O primeiro dia foi dedicado à visita das famosas Basílicas de Santa Maria Maior, S. João de Latrão, S. Paulo extra-muros e S. Pedro, a maior igreja da cristandade, nessa altura já em preparativos para o Concílio Ecuménico.

Visitou-se também as Catacumbas de S. Calisto, o Coliseu, a mais sugestiva expressão dos monumentos romanos que data do ano 80, o Capitólio, colina sagrada da Roma antiga, a vila Borghese, prosseguindo por animadas ruas e avenidas, repletas de fontes e estátuas,

✱

A famosa Basílica de S. Marcos, em Veneza

✱



No dia seguinte, continuação da viagem para a Itália, ao longo da não menos deslumbrante Riviera italiana.

Embora não funcionasse já, naquela data, o serviço directo Nice-Florença, os ferroviários portugueses e suas famílias viajaram em carruagem directa reservada, graças à extrema gentileza dos colegas italianos que durante toda a estadia lhes prodigalizaram as maiores atenções.

Chegada a Florença às 20h25 e instalação no Hotel Nuovo Atlântico.

Depois do jantar, um passeio através dos principais monumentos iluminados constitui uma boa preparação para a visita do dia seguinte.

Berço da arte e cultura italianas, pátria de génios como Dante e Miguel Ângelo, Florença encanta-nos pela diversidade e riqueza do seu património artístico.

Que mais teria agradado nesta visita à capital da Toscana? Santa Maria del Fiore, a catedral de cúpula

numa maravilhosa sucessão de belezas que encantou todos os excursionistas.

Houve até quem, ao passar pela Fontana di Trevi, cumpriu o preceito de lançar uma moeda à água, pois quem o faz—diz a tradição—voltará à cidade Eterna.

Na manhã seguinte, bem cedo, alguns participantes tiveram ocasião de assistir a uma cerimónia religiosa na Basílica de S. João de Latrão, presidida pelo Papa João XXIII.

Fez-se nesse dia a visita ao Museu do Vaticano, vasto repositório artístico cujas belezas se contam entre as mais interessantes do mundo, onde se percorreu demoradamente as salas de escultura, da famosa Pinacoteca, com obras de Giotto, Melozzo, Rafael, Leonardo da Vinci e outros mestres da pintura, e da maravilhosa Capela Sistina onde se podem admirar soberbos frescos da autoria de Miguel Ângelo.

Um passeio pelos arredores, proporcionou a visita

da Vila Adriana, residência de campo dos imperadores romanos, com lindos pórticos e lagos, e da cidade de Tivoli, que atrai numerosos turistas pelos célebres jardins da Vila d'Este, residência de antigos governadores famosa pelas suas artísticas pontes e jogos de água.

Na manhã seguinte, continuação da viagem para Nápoles com chegada à estação Centrale às 11 h. 15.

Depois do almoço, iniciou-se a visita da cidade, onde tinham lugar as festividades em honra de S. Genaro.

Na catedral, podia-se assistir ao milagre da liquefacção do sangue do mártir que se repete anualmente nesta data.

Prosseguindo a visita, passou-se pelo Teatro San Carlo, um dos mais célebres do mundo pela pureza da

últimos momentos dessa cidade adormecida há quase dois mil anos.

Continuação do circuito até Amalfi, a mais antiga das repúblicas marítimas, e almoço num típico restaurante à beira-mar, onde também se encontrava um grupo de ferroviários suecos.

No regresso, feito pela cantada Sorrento, jóia da península e pela estância de Castellmare, foi oferecido aos portugueses um martini de honra no Clube Náutico dos Ferroviários.

O jantar fez-se num pitoresco restaurante junto ao porto e permitiu a apreciação de uma das mais famosas iguarias da gastronomia italiana.—«la pizza napoletana».

Na manhã seguinte, uma radiosa manhã de Setembro, embarque no «Partenope» para Capri, poucos dias antes fustigada por violento tornado.



O numeroso grupo de ferroviários italianos que nos visitou em Outubro, no Mosteiro dos Jerónimos

sua arquitectura, Bairro de Santa Lúcia e Parque Rimembranza, surpreendente miradoiro sobre o golfo de Nápoles. Ao fundo, avista-se o imponente Vesúvio que, segundo alguns entendidos (...), está já revelando indícios de um novo ciclo de actividade.

No dia seguinte, um inolvidável circuito levou os excursionistas ao longo do golfo de Nápoles e costa de Amalfi, por uma paisagem de beleza incomparável.

Primeira paragem, Pompeia! Ao entrar pela Porta Marina, o visitante evoca facilmente o esplendor da cidade romana destruída pelo Vesúvio no reinado de Tito. As ruínas, o Museu e o Santuário são percorridos com curiosidade e a inevitável emoção de surpreender os costumes, a intimidade, os doloridos esgares dos

Como descrever o indefinível encanto desta ilha?..*

Logo que esta terra de sonho surge a nossos olhos, com as suas altas massas rochosas emergindo da verdura e debruçando-se amorosamente sobre o mar, compreende-se a razão do singular e misterioso atractivo de Capri.

Por estreita e serpenteada estrada e em autocarro, subiu-se a Anacapri, um dos mais belos miradouros desta famosa estância balnear.

Na impossibilidade de visitar a célebre Gruta Azul, devido à agitação do mar, realizou-se um passeio ao Monte Solare, em funicular, patenteando-se aos olhos deslumbrados dos excursionistas o panorama de toda a ilha, vendo-se, ao longe, Nápoles e o recorte magnífico do seu golfo.

Via Sorrento, regressou-se a Nápoles no «Tragara» e da Estação Centrale fez-se a partida para Veneza.

Mais uma vez, graças a amabilidade dos caminhos de ferro italianos, o grupo viajou em carruagem directa tendo à sua disposição lugares de «couchette».

Chegada a Veneza-S. Lucia, condução ao Hotel Continentale e, após o pequeno almoço, visita da cidade.

Nesta terra fabulosa estendida sobre centenas de ilhotas unidas entre si por pontes, a arte deveria necessariamente apresentar características peculiares em harmonia com o estranho meio onde florescia.

Seguindo em «vaporetto» a Rialto, o centro da cidade, e continuando por típicas e estreitas ruas de animado comércio, alcançou-se a célebre praça de S. Marcos.

Aí se ergue a Basílica de S. Marcos, resplandecente de ouro e mosaico, com as suas cinco cúpulas dispostas em forma de cruz grega, famoso exemplo da influência do estilo bizantino na arte ocidental.

Atravessada a praça por entre a clássica revoada de pombos, visitou-se também o Palácio dos Doges, belo rendilhado de arcarias e colunatas.

A tarde foi aproveitada por muitos excursionistas para um passeio ao Lido, uma das mais aristocráticas e frequentadas estâncias balneares da Europa que muito contribui para a celebridade de Veneza.

Nessa noite houve ainda ocasião de fazer o imprescindível passeio de gôndola, recordação imorredoura avivada pela voz harmoniosa dos gondoleiros.

Na manhã seguinte, partida para Milão, onde se chegou pelas 12h55. O primeiro contacto com a cidade, na imponente estação Centrale donde partem mais de 20 linhas e transitam os mais importantes comboios internacionais, impressionou muito favoravelmente os visitantes.

Centro comercial importantíssimo, onde a maioria das construções antigas foi sacrificada, por razões práticas, às necessidades de uma população rica e laboriosa, ainda aí se admiram, no entanto, belos museus e monumentos.

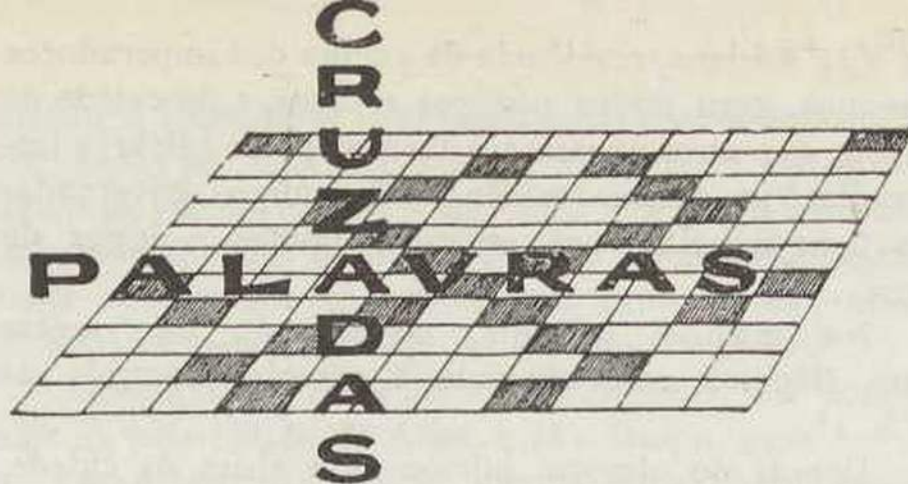
Entre estes, destaca-se o Castello Sforzesco outrora moradia da família Sforza e no coração da cidade a vastíssima Catedral, montanha de pedra rendilhada, sobre a qual uma estátua de ouro da Virgem, a «Madonnina», abençoa os milaneses.

As 8h25 do dia seguinte, partida para Génova, primeiro porto da Itália e segundo do Mediterrâneo.

Feita uma visita em autocarro pela cidade, que alia à magnificência da sua posição natural, em anfiteatro dominando o golfo, um rico património artístico, iniciou-se o regresso em carruagem directa a Irum, posta à disposição do grupo português pelos caminhos de ferro italianos.

Previo o programa breve estadia em San Sebastián que permitiu aos participantes descansar um pouco de tão longa viagem e, ainda, a visita agradável desta encantadora estância balnear.

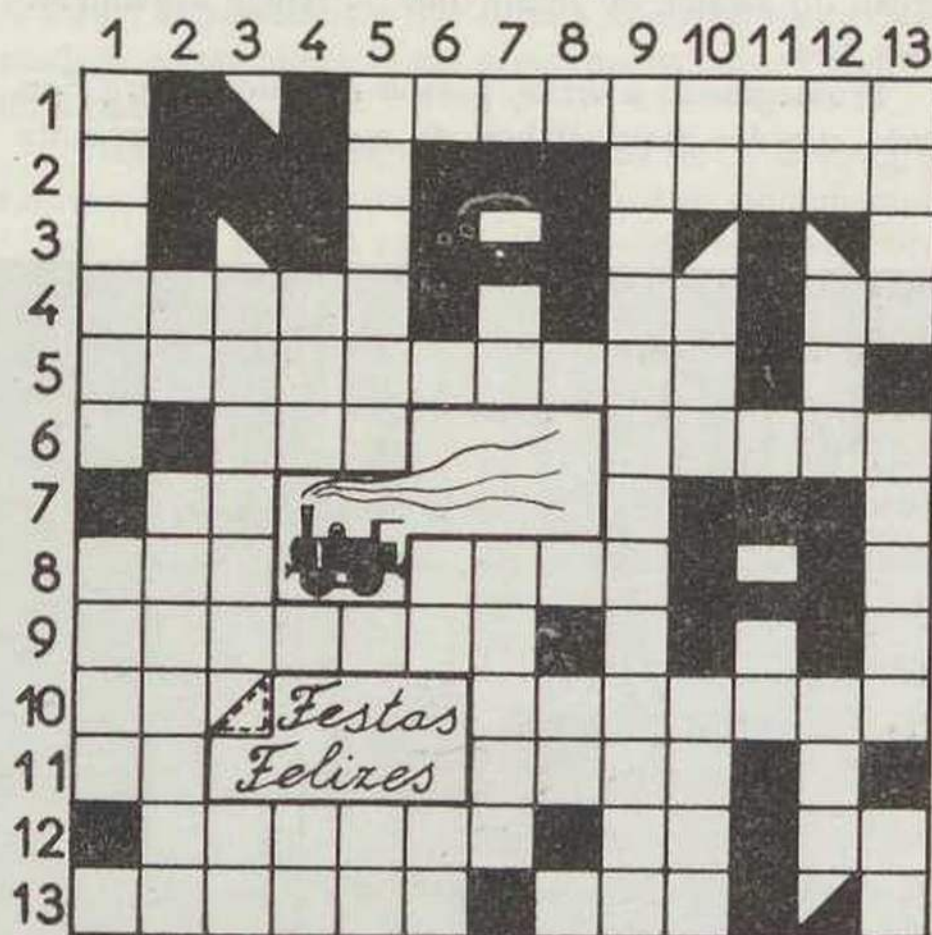
Terminara a aliciante excursão à Itália. Era chegado o momento das despedidas. Sentia-se a satisfação de regressar a casa, mas quanta saudade já ao evocar esses momentos inolvidáveis vividos em Itália...



Por DOMINGOS INÁCIO DA COSTA

Conferente de 2.^a cl.

Problema n.º 22



HORIZONTAIS:

1 — Soberano absoluto, independente de qualquer constituição política. 2 — Tocar nas raias ou limites. 4 — Aquilo que prende ou liga uma coisa ou pessoa a outra; laço; neste lugar. 5 — Arte de preparar medicamentos. 6 — Lavra; relativo a osso. 7 — Ataque de paralisia. 8 — Triture com os dentes; arrastar com o rôdo (o sal nas marinhas). 9 — Relativo aos ursos. 10 — Em (em inglês); peça que se ajusta ao leme para o reforçar ou para lhe facilitar o movimento (pl.). 11 — Nota musical; cantiga. 12 — Tabiques; viração; nesse lugar. 13 — Montes altos; aplicação.

VERTICAIS:

1 — Livro sagrado do Antigo e Novo Testamento; caminhos ladeados de casas ou renques de árvores. 2 — Seguiu; inflamação da túnica exterior da aorta. 3 — Estimaras; atmosfera. 4 — Contracção de maior; seguir. 5 — Pessoa só consagrada a práticas de devoção e penitência; qualquer substância reduzida a partículas tenuíssimas. 6 — Letra grega; indivíduo de grande valor numa competição. 7 — Antes de Cristo; queimas. 8 — Fluido transparente e invisível que forma a atmosfera. 9 — Descrição científica do crânio (pl.). 10 — Batráquio; puro (inv.); extraordinário. 11 — Gemido; consigo próprio. 12 — Interjeição designativa de interrupção ou suspensão; greda branca; período. 13 — Instrumento ofensivo ou defensivo; réptil sáurio (pl.); seguia.

(Ver solução pág. 24)

Dois passageiros ilustres entre um bailado de flores...

Por ANTÔNIO DIAS

... **F**LORES na estação do Rossio. . .
Quem não gosta de flores?
Quem não ama as flores?

Só se compreendem dúvidas na escolha: quais as mais belas? As da Primavera ou as do Outono?

Todas recebem o mesmo sopro divino dessa incomparável Artista chamada Natureza. Mas Lamartine, o genial lírico da *Ode ao Lago*, preferiu as últimas, na sublimidade dos versos com que imortalizou Elvira.

Os cânticos do Outono; os luars do Outono; os sonhos do Outono.

. . . Mas que diáfana visão é esta que me enche os olhos?

Um elefante brincando com uma pérola? Não. Uma fada anunciadora de um milagre? Talvez...

São seis e meia da tarde. Santa Apolónia está profusamente inundada de flores. De todos os matizes e de todas as origens. Flores europeias e orientais, aristocratas e plebeias. De famosos jardins e de simples canteiros. Algumas, exóticas, parecem ter sido criadas em estufas. Outras, marcadas pela face do tempo, mas de exuberância sadia, adivinha-se que nasceram entre veredas e silvados.

Esfrego os olhos: que alucinante bailado de flores! Nos recantos do átrio, como imponentes guardas suíços nas salas do Vaticano, vasos monumentais, decorados com «motivos picassianos» ganham formas solenes, pois estão fazendo as honras da casa.

A empreitada do c.º 111 atinge o auge. Os passageiros desta hora são todos «nossos conhecidos». Sorrisos de compreensão para a sua rapidez. Voam.

Em ar mais repousado — a sua constituição

não lhe permite a ligeireza do ardina — entra uma figura desabitual. O seu perfil, desactualizado para a época, provoca curiosidade. Quem é? Vagaroso, mas de larga passada, com a sua capa ribatejana e pêra de Mefistófeles, o seu *panache* de abas de azinheira, onde baloiçava um cravo rubro como o sangue de um toiro, sobraçando *Leonor Teles* e empunhando, numa súplica de rapidez, o seu «quilométrico», acerca-se de um postigo: «Santana-Cartaxo...»

Quem é? Marcelino Mesquita — ouve-se em coro.

Mas, ainda não se haviam acalmado os gestos de espanto, ocasionados pelo inesperado viajante, já o aparecimento de outra figura, um autêntico *dandy*, a que as mais delicadas flores se apressaram a prestar «guarda de honra», fazia levantar rumores de maior expectativa.

«Isto aqui não é o palco do *Império*» — há quem sussurre, a propósito — «O Rui de Carvalho, com um dos três chapéus altos da peça de Miguel Mihura, montada pelo Teatro Moderno de Lisboa. Como?»

A identificação não passou de caricatura. Mais próximo do postigo, «toda a nudez da verdade», como diria o grande Eça.

Aquele *gentil-homem* contrapunha ao tom vigoroso e campónio de Marcelino a elegância requintada das salas de Paris. De capa à Lord Byron, casaca e colete irrepreensíveis, de sapatos de verniz reluzente como um espelho de cristal, mostrava um recorte, uma silhueta tão delicada e fascinadora que as flores distribuíam-lhes sorrisos tão faiscantes como as líquidas pratas de um lago aos luars de Outono.

Meus Deus! João Baptista da Silva Leitão 19

Homenagem a um professor da C. P., no Entroncamento



Por iniciativa da última turma de alunos da Escola de Chefes de Brigada e Contramestres, realizou-se um almoço de homenagem ao professor da mesma, Snr. Raul de Matos Torres, por este ter passado à situação de reforma.

O acto teve lugar no salão de festas do Grupo Recreativo 1.º de Outubro de 1911 («Parafuso»), vendo-se na mesa da presidência o homenageado ladeado, à direita, pelos Snrs. Almansor Ferreira da Silva, operário de

1.ª classe, e Joaquim Marques, contramestre de 2.ª classe, e, à esquerda, pelo presidente da Colectividade, Snr. José Filipe Maia Ramos, desenhador e Luís Dias, contramestre de 2.ª classe.

Depois do almoço usaram da palavra os snrs. José Joaquim Carvalho, Almansor Ferreira da Silva, José Rodrigues Horta, Henrique José Andrade Evans e José Serafino, os quais enalteceram a obra do homenageado, focando a sua actividade de professor da C. P., que durante cerca de 40 anos leccionou milhares de crianças na Escola Camões, e elogiando as suas virtudes pessoais de homem correcto, leal e sempre amigo.

Agradeceu o Professor Torres, com um impressionante e comovido improvisado, sendo, no final, abraçado por todos os presentes que lhe desejaram uma longa e feliz reforma.

Com a passagem à nova situação cessaram as actividades do Professor Matos Torres que foi, além de vice-presidente da Câmara Municipal de Entroncamento, desde a fundação do concelho, ajudante do Registo Civil, graduado da Mocidade e Legião Portuguesa, membro da Comissão de Vistorias e correspondente do «Século».

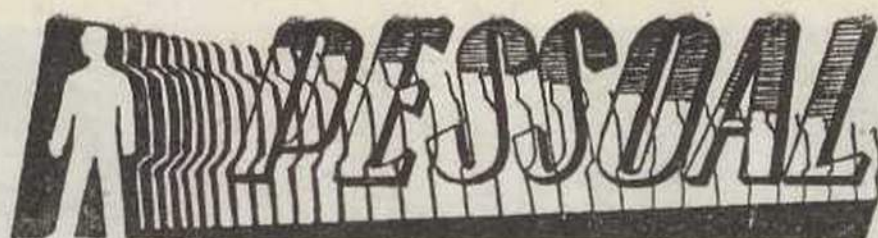
de Almeida Garrett a estender o seu «quilométrico» para uma viagem de ida e volta ao Vale de Santarém! E o c.º 111 mesmo no momento da partida!

Estou tonto. Mas ninguém ficou em terra. Compreenda-se a satisfação.

O átrio de Santa Apolónia está agora vazio. Na frieza dos seus mármorees cruzam-se unicamente leves sombras. Desencanto...

...Nem ao menos uma flor eu vejo. Nem dessas artificiais, pintadas a «bâton» e borriçadas com águas de colónia barata, para me iludirem a visão.

Prosaico acabar de um sonho...



NOMEAÇÕES

A Chefes dos Serviços Médicos — o Subchefe dos mesmos Serviços, sr. Dr. Anibal Viola.

A Subchefes dos Serviços Médicos — o Médico de Posto Sanitário de 1.^a cl., sr. Dr. Alfredo Marques Ferraz Franco.

A Operários de 4.^a classe — Os aprendizes, José António dos Santos Lopes, Joaquim Moreira de Sousa, António Joaquim A. Conceição, João de Liz Martins, Felisberto F. da Silva Ferreira, Anselmo Moutinho Serra, Fernando de Oliveira Azevedo, Joaquim Martins de Araújo, José Martins Pinto Ribeiro, Arlindo Rodrigues Milheiro, Francisco Martins L. Nadas, António de Araújo Ferreira, Joaquim João Cardoso Vasques, José Artur Rosa, José Jorge P. da Ressurreição, José Manuel Azevedo Cardoso, João Valério Rodrigues da Silva, José António Maia Fanha, Joaquim Mariano Grila Gomes, Gregório Dorcas P. Laranjo, Carlos Manuel Silva Fernandes, Joaquim Leitão Vaz Louro, Arlindo Pereira Silva Aniceto, Álvaro Leitão Pereira, António Ferreira dos Santos, Diamantino Ferreira José de Matos Vitória, José Fernandes de Oliveira, Luís Manuel Aguilar Póvoas, Álvaro de Jesus Silva, Carlos Alberto Rosa Gonçalves, António Alves Francisco, Manuel Antunes Tavares, Valdemar Figo Macedo, João do Carmo Santana, Francisco Sabino R. Lopes, Altino de Sousa Rasteiro, António Fernando da Costa, Jesuino Isidro, Maximiano Marques Condessa, Joaquim M. de Brito Pereira, António Maria Soares, José Alho Mendes, Diamantino R. Simão Jacinto, António Diogo V. Sebastião, Anibal Rafael de Brito Santos, António de Jesus Carvalho, Manuel Cândido G. Damásio, João Fernandes Duarte, José da Silva Oliveira, Manuel Tavares R. Climaco, Manuel Viriato da Cruz Costa, Augusto Manuel R. Segurado, Martinho da Silva Arez e Luís Augusto Correia.

A Ajudante de preparador — a praticante de preparador Ana Maria Abrantes de Tovar Faro.

A Factores de 3.^a classe — os praticantes de factor: — Joaquim Godinho Bento, Manuel Pereira Tavares, Manuel Joaquim Rodrigues de Sousa, José Maria Ricardo, Francisco António Pombal Abrantes, António Dias Monteiro, João Soares Baptista Serrão, Amadeu da Conceição Pereira, Basílio do Nascimento Ramos Passeira, Alberto da Silva Claudino e Artur Cândido Monteiro.

AGENTES QUE PRATICARAM ACTOS DIGNOS DE LOUVOR



Da esquerda para a direita: — *Alexandre de Sousa Murta*, chefe de distrito: — pelo interesse, dedicação e esforço despendido nos trabalhos de substituição de duas barretas partidas numa junta ao Km. 104,391-Tua, quando na situação de descanso semanal; *Joaquim Barreto*, assentador de 1.^a classe: — pelo interesse, dedicação e esforço despendido nos trabalhos de substituição de um carril partido, ao Km. 193,600-Beira Baixa; *Joaquim Queiroz Correia*, assentador de 1.^a classe: — pelo interesse, dedicação e esforço despendido nos trabalhos de ligação de um carril partido, ao Km. 322,710-Norte; *José Lopes Josefa*, assentador de 1.^a classe: — pelo interesse, dedicação e esforço despendido nos trabalhos de substituição de um carril partido, ao Km. 7,250-Beira Baixa; *António Pereira*, assentador de 2.^a classe: — pelo interesse, dedicação e esforço despendido quando, encontrando-se deitado na sua residência e notando pancadas fortes e anormais na linha à passagem do comboio n.º 903, se levantou e verificando estar um carril partido ao Km. 322,710-Norte ligou-o com duas barretas; *Belmira Ferreira Coelho*, guarda de P. N., de 1.^a classe: pelo interesse demonstrado nas acertadas providências tomadas ao promover a paragem extraordinária do comboio n.º 4, de modo a evitar que este fosse colher os fios de luz eléctrica ligados a um poste tombado sobre a via, ao Km. 217,800-Norte.



Da esquerda para a direita: — *José Joaquim Louro Ourives*, subchefe de distrito: — pelo interesse, dedicação e esforço despendido nos trabalhos de substituição de duas barretas partidas numa junta ao Km. 56,100 — Tua, não obstante estar de folga; *José Joaquim Bernardo*, assentador de 1.^a cl. e *Manuel Belo* e *José Palos Ladeiro*, assentadores de 2.^a cl.: — pelo interesse, dedicação e esforços despendidos nos trabalhos de substituição de um carril partido em Vila Fernando, quando estavam de folga; *Eduardo Félix de Carvalho*, assentador de 2.^a classe: — gratificado pelo interesse, esforço despendido, espírito de iniciativa e de decisão nas acertadas medidas que tomou ao verificar a queda de terras e pedras de uma trincheira aos Kms. 192,505 e 192,550-Douro; *Ivo Valfredo Machado*, eventual: — gratificado pelo acto de altruísmo que praticou na estação de Fátima, ao evitar que fosse trucidado um passageiro do comboio n.º 1 122.



Da esquerda para a direita: — *José de Oliveira Rosa*, chefe de lanço e *António Nunes Pedro*, eventual: — pelo interesse, dedicação e esforços despendidos nos trabalhos de substituição de um carril partido, ao Km. 142,000-Beira Alta; *Manuel Joaquim Dias Gomes*, chefe de distrito: — pelo interesse e dedicação demonstrados nos trabalhos de desobstrução da via, ao Km. 240,500-Beira Alta, devido à queda de uma barreira, quando estava de folga; *Manuel José Alves*, chefe de distrito e *António Pereira Vieira*, subchefe de distrito: — pelo interesse, dedicação e esforços despendidos nos trabalhos de ligação provisória de um carril partido no cruzamento n.º 1 da estação de Póvoa de Varzim e na reparação da via ao Km. 31,383-Póvoa, devido à colisão de um automóvel pela Automotora n.º 7 522, quando ambos se encontravam de folga; *Dionísio Gonçalves Vieira*, eventual: — pela honestidade demonstrada ao fazer imediata entrega de um relógio de pulso que encontrou ao Km. 302,450 do Ramal de Lagos.



Da esquerda para a direita: — *Manuel Pereira*, servente de 1.^a cl. — encontrou junto ao postigo das chegadas, na estação de Lisboa-Santa Apolónia, uma nota de 500\$00, que prontamente entregou ao seu chefe; *José Martins da Cunha*, fogueiro de 1.^a cl. — encontrou numa carruagem do comboio n.º 5 011 um porta-moedas contendo 428\$90, do qual fez entrega ao chefe de estação; *Florinda Gomes*, auxiliar feminina — encontrou nos lavabos da estação do Entroncamento um anel no valor de 900\$00, que prontamente entregou ao seu chefe; *José da Ascensão Ferreira Ramos*, factor de 3.^a classe — encontrou na sala de espera da estação de Leiria a importância de 500\$00, que prontamente entregou ao seu chefe; *António Alexandre*, servente de 2.^a classe — encontrou numa carruagem do comboio n.º 9 951 uma mala de senhora com vários objectos e a quantia de 713\$00, que prontamente entregou ao chefe da estação de Praias-Sado; *Manuel dos Santos Matrena*, factor de 1.^a classe — encontrou no cais de passageiros da estação do Entroncamento uma nota de 500\$00, que prontamente entregou ao seu chefe.



Da esquerda para a direita:—*Henrique Dias*, subchefe de distrito, *Manuel Lopes Ferreira*, assentador de 1.^a classe e *Francisco Pedro Antunes*, assentador de 2.^a classe:—pelo interesse e esforços despendidos para, com sinais de recurso, atraírem a atenção do maquinista do comboio n.º 1 002, dado o facto de seguir envolvido em muito fumo um dos salões, originando assim uma paragem na estação do Entroncamento, onde se verificou que circulava com um boque quente, o que por ser perigoso continuar naquelas condições permitiu fosse retirado da composição; *António Domingos Margarido*, assentador de 1.^a classe:—pelo interesse, dedicação e esforço despendido nos trabalhos de ligação de um carril partido ao Km. 8,850-Oeste, quando em gozo de compensação de feriado; *João Alves Rodrigues*, assentador de 1.^a classe—pelo interesse demonstrado ao comunicar ao subchefe de distrito para tomar providências no sentido de verificar a origem de uma pancada estranha que sentira ao passar pelo Km. 130,500-Beira Baixa, onde estava um carril partido, quando de folga viajava no comboio n.º 3 011; *Fernando Teixeira*, assentador de 2.^a classe:—pelo interesse, dedicação, esforço despendido e providências tomadas, quando viajava no comboio n.º 902 e ao passar no Km. 1,600-Minho sentiu uma pancada anormal, e indo verificar ao local encontrou um carril partido, que foi então substituído.



Da esquerda para a direita: — *José Torres*, inspector de obras metálicas — louvado pela acertada actuação e qualidade de comando demonstradas nos trabalhos de reparação das avarias da ponte de Maçainhas, ao km. 191,300-Beira Baixa, motivadas pelo descarrilamento de um vagão, que interrompeu a circulação dos comboios; *José Rodrigues Campos*, inspector de obras metálicas — louvado pela diligência e acertada actuação demonstradas nos citados trabalhos; *José de Matos, Minho*; e *Manuel da Costa Isidoro*, chefes de cantão de 2.^a cl., *Joaquim Manuel Frade*, operário de 1.^a classe e *Vicente Serra*, operário de 2.^a cl. — gratificados pelo interesse demonstrado e esforços despendidos nos referidos trabalhos.



Da esquerda para a direita: — *Francisco Xavier da Silva Ferreira*, eventual — estando com baixa por acidente de trabalho, apresentou-se ao médico da 7.^a Secção para voluntária e gratuitamente dar sangue a um doente em perigo de vida; *Manuel de Matos*, assentador de 1.^a cl. — pelo interesse, dedicação, providências tomadas e esforço despendido quando, ao ouvir forte pancada à passagem da Automotora n.º 1 729 no km. 29,560-B. Alta, encontrou ali um carril partindo e fixou-o com tirefonds até ser substituído; *Manuel dos Santos*, assentador de 1.^a cl. — pelo interesse e dedicação demonstrados e esforço despendido, quando dos trabalhos de remoção de um sobreiro que caíra sobre a via, não obstante se encontrar na situação de sinistrado; *Manuel Ferreira Soares*, eventual — gratificado pelo interesse e esforço despendido nos trabalhos de reparação das avarias da ponte de Maçainhas, ao km. 191,800-B. Baixa, motivadas pelo descarrilamento de um vagão, que interrompeu a circulação dos comboios; *Manuel Afonso*, guarda de P. N. — pelas providências tomadas e esforço despendido quando do incêndio que deflagrou numa pilha de travessas, ao km. 78,730-Sado; e *Manuel Luís Sacramento*, factor de 3.^a cl. — encontrou no vestibulo da estação de Loulé uma carteira contendo a importância de 6 170\$00, que prontamente entregou ao seu chefe.



Da esquerda para a direita: — *David de Sousa, Manuel Jerónimo Fernandes e António Lopes*, operários de 4.^a cl.; *José Henriques Fiens e Joaquim Peres*, serventes de 2.^a cl. e *Joaquim Gralha Fiens*, servente de 3.^a classe — gratificados pelo interesse demonstrado e esforços despendidos nos trabalhos de reparação das avarias da ponte de Maçainhas, ao km. 191,300-Beira Baixa, motivadas pelo descarrilamento de um vagão, que interrompeu a circulação dos comboios.



Da esquerda para a direita: — *José Gonçalves Ribeiro, António Teixeira Pinto Nunes, João da Rosa Mouchinho, Domingos Braç Robal, Laurentino do Rosário Sobreiro e António Dias Marques*, operários de 3.^a cl. — gratificados pelo interesse demonstrado e esforços despendidos nos trabalhos de reparação das avarias da ponte de Maçainhas, ao km. 191,300-Beira Baixa, motivadas pelo descarrilamento de um vagão que interrompeu a circulação dos comboios.



Solução do problema deste mês

HORIZONTAIS:

1 — Autocrata. 2 — Raiar. 4 — Liame; No; Ca. 5 — Iamotecnia. 6 — Ara; Osseo. 7 — Ar. 8 — Roa; Raer. 9 — Ursinos. 10 — At; Saproes. 11 — Si; Aria. 12 — Taipas; Ar; Ai. 13 — Serros; Uso.

VERTICAIS:

1 — Biblia; Ruas. 2 — Ia, Aortite. 3 — Amaras; Ar. 4 — Mor; Ir. 5 — Asceta; Po. 6 — Ro; As. 7 — Ac; Assas. 8 — Ar. 9 — Craniografias. 10 — Ra; Oas; Raro. 11 — Ai; 12 — Ta; Cre; Era; 13 — Arma; Osgas; Ia.

NA CAPA:

CLAUSTRO DO MOSTEIRO
DOS JERÓNIMOS

SOCIEDADE DE ELECTRICIDADE

BROWN BOVERI, L.^{DA}



Rua de Sá da Bandeira, 481-2.º Dt.º — Porto

Telefone 23411

Apresenta para entrega imediata

Pára-raios de alta e baixa tensão
Relés directos e indirectos para
protecção.

Tubos electrónicos — válvulas rec-
tificadoras e de emissão.

Quadros e acessórios para quadros
eléctricos.

Grande variedade de peças sobressalentes para disjuntores e contactores,
escovas de carvão para máquinas eléctricas, etc.

Motores eléctricos, contactores e
disjuntores para serviço de moto-
res eléctricos.

Arrancadores estrela-triângulo em
óleo, botoneiras, etc.

Automáticos Stotz-Kontakt.
Contactores auxiliares.



Máquinas de costura — Radiadores e Caldeiras
para aquecimento central — Caloríferos — Fogões
de cozinha — Banheiras e outro material sanitário
de ferro esmaltado — Marmitas e equipamento
complementar para grandes cozinhas — Bombas
centrífugas e manuais — Acessórios de ferro
maleável para canalizações — Acessórios para
linhas de alta tensão — Tubos para canalizações
e outros usos — Obra de ferro fundido normal e de
ferro maleável — Galvanização de artigos de ferro

**Indústrias A. J. Oliveira,
filhos & C.ª, Lda.**

OFICINAS METALÚRGICAS «OLIVA»
S. JOÃO DA MADEIRA

FERODO

GARANTIA de qualidade e rendimento
em calços para travões e discos de em-
braiagem para todos os veículos

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Comptoir Français d'Accessoires

22, RUA DAS PRETAS, 24

Telefs. { 32 47 30
32 16 41
32 03 38

LISBOA